

**LITERATURA E IMPRENSA PARNAIBANA:  
Uma leitura dos periódicos *Gleba, Harpa, O Arauto e Cultura***

Daniel Castello Branco Ciarlini (UESPI)  
Algemira de Macêdo Mendes (UESPI)

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo intenta-se examinar as primeiras ideias da pretensa formação, consolidação e manutenção de um sistema literário em Parnaíba, cidade localizada no litoral do Piauí, nas primeiras décadas do século XX, fato que se dá, ao que tudo indica, através da imprensa, em especial nos periódicos: *Gleba, Harpa, O Arauto e Cultura*. Essa observação, a propósito preliminar, parte do mesmo pressuposto levantado por Mauro Nicola Póvoas (2005), quando no início da sua tese de doutoramento, levanta conjectura a partir dos “programas” propostos pelos periódicos analisados, numa busca de compreender a articulação que o autor sugere como dupla chave: memória cultural e sistema literário.

É importante esclarecer aqui o uso da expressão “pretensa”, por ainda se encontrar este estudo em desenvolvimento, portanto, reduzido apenas a algumas reflexões iniciais e exposições primárias.

Embora haja a preocupação em se registrar uma história acerca da imprensa em Parnaíba, apontando seus antecedentes, o recorte escolhido abrange a primeira metade do século XX, período que legou à cidade uma soma que ultrapassa 70 jornais e revistas, distribuídos entre aqueles ligados aos interesses do comércio, da política, da ciência e da cultura, esta em especial aplicada às letras; o *corpus* desta pesquisa se filia ao último e apesar de citar a memória cultural, voltar-se-á apenas ao segundo aspecto da chave admitida por Póvoas.

Outro argumento que embasa e delimita o viés de tempo a ser percorrido advém do exame cronológico das publicações, que evidencia, sobremaneira, as décadas de 30, 40 e 50 – onde se encaixam as quatro revistas aqui examinadas – como, possivelmente, as mais produtivas, reflexos, talvez, da formação e amadurecimento de grupos intelectuais fundadores de órgãos de imprensa. É por esses anos que Alarico da Cunha e R. Petit, dois dos principais nomes da cultura escrita nortista do estado, ora dirigem, ora redigem, ora colaboram com periódicos notórios da época.

Outros importantes acontecimentos parecem estreitar as relações da literatura com a imprensa em Parnaíba nesse período a exemplo ressaltamos: a fundação do *Almanaque da Parnaíba* no dia 2 de agosto de 1923 por Benedicto dos

Santos Lima. Periódico considerado o mais antigo anuário brasileiro ainda hoje em circulação, levando o seu primeiro número a público no ano seguinte<sup>1</sup>; em 1940 é fundada a Associação Parnaibana de Imprensa, órgão que mantém por certo período o periódico *O Arauto*; posteriormente, em 1949, surge a Associação Parnaibana de Expansão Cultural, e conseqüentemente a sua revista de divulgação, *Cultura*; em seguida, a Associação Parnaibana de Letras (1940), *gérmen* da Academia Parnaibana de Letras, esta fundada apenas 1983 por uma quantidade significativa de membros originários da APL<sup>2</sup> – como se percebe, essa listagem nos indica de princípio uma estreita ligação entre literatura e vida literária, configurando, talvez, uma consolidação de sistema na cidade.

Surge ainda nesse mesmo recorte de tempo pesquisado a criação de grêmios literários mantenedores de revistas estudantis, como o “Madre Savina Petrilli”, que editou a revista *Raios de Luz* (1939); e o grêmio do Ginásio São Luiz Gonzaga, responsável pela *Argos*.

## 2 DA IMPRENSA NACIONAL À LOCAL

A relação da literatura com a imprensa no Brasil tem como saldo a fundação de periódicos autônomos às estruturas políticas tradicionais, principalmente no Segundo Império, como bem anota Ana Regina Rêgo (2001). Depois desse período, a imprensa parece incorporar cada vez mais à sua estrutura ideológica a participação efetiva de artistas (escritores, cronistas, chargistas etc.), a exemplo do ocorreu ao jornal carioca *A Noite*, fundado por Irineu Marinho, que pela inserção de um quadro seletivo de colaboradores e redatores, além da inclusão de matérias voltadas para o interesse popular, ajudou a modernizar a imprensa brasileira.

Desde sua origem o jornalismo piauiense trafega em três esferas: política, religiosa e literária, sendo a primeira a majoritária. Por volta da segunda metade do século XIX Parnaíba segue o mesmo padrão, todavia a sua imprensa desponta com alguns pioneirismos para o Piauí, a citar o periódico *A Violeta* (1867), anotado por

---

<sup>1</sup> Essa primeira edição, de 1924, do *Almanack da Parnahyba* (como é inicialmente grafado), já conta com a colaboração de poetas como Lily Pery, R. Petit, Berilo Neves, dentre outros nomes menos conhecidos no campo poético como Lívio Castello Branco. Desde sua fundação, e até o final da primeira do século XX, esse anuário notabilizou-se como periódico articulador, capaz de reunir produções e escritores que, em vários aspectos, pareciam comprometidos com ideias, estética e difusão cultural próprias do período; o que exemplifica o uso comum de trovas, cromos e sonetos, que evidenciam características próprias de determinados períodos. Além disso, alguns nomes que compuseram o quadro do citado almanaque pareciam comprometidos com o registro de uma literatura com traços tipicamente regionalistas, como é o caso não isolado de Alarico da Cunha e Edison Cunha.

<sup>2</sup> Por convenção toponímica, a Associação Parnaibana de Letras fez uso desta mesma sigla, que também serve à Academia Piauiense de Letras, fundada anteriormente, em 1917.

Celso Pinheiro Filho (1997) como primeiro impresso piauiense voltado exclusivamente ao público feminino.

Se no século XIX “o Piauí possui uma reduzida casta de intelectuais que atua diretamente na imprensa” (RÊGO, 2001: 77), fato este que de certa maneira inviabiliza o surgimento de produções literárias, posto não possuírem espaço diante da propaganda e guerra política entre conservadores e republicanos, em Parnaíba, no século XX, a imprensa incorpora produções poéticas. Já em 1902 surge *A Juventude*, que se autointitula literário, fora outros tantos jornais dirigidos por poetas e contistas de reconhecido trabalho no litoral piauiense, como é o caso de Raimundo Petit, que participa efetivamente de *O Consolador* (1918), e Edison da Paz Cunha, fundador da Academia Piauiense de Letras, que esteve à frente de órgãos impressos como *A Pátria* (1921), *Gazeta da Parnaíba* (1923), *A Praça* (1927) e *A Voz da Parnaíba* (1940). Outros periódicos parnaibanos contam com as colaborações de Renato Castelo Branco, Oliveira y Ferres, Alarico da Cunha, Benú da Cunha, Thomaz Catunda, José Pires Lima Rebelo, Vicente Araújo etc., todos reconhecidamente literatos.

Esse fato, como se percebe, obedece, sem muito atraso (se analisada a dificuldade da época), ao nascimento do jornalismo literário piauiense, que surge na década de 1870, quando “verifica-se a existência de pequenos jornais de cunho puramente literário” (idem: 78); além disso, é por volta de 1880 que aparecem os primeiros folhetins piauienses<sup>3</sup>, tornando o jornalismo ainda mais literário.

Diferentemente do que anotara Lílian Martins de Lima (2008: 87)<sup>4</sup>, a participação cada vez mais efetiva de letrados nas páginas periódicas de Parnaíba, pelo menos é o que se observa nas primeiras décadas do século XX, apesar de sua fundamental importância não apenas pela renovação da forma e dos conteúdos expostos, não assegurou a duração dos jornais, visto que o interesse maior da massa, ainda pouco letrada, recaía ora para o comércio, ora para a política, portanto, sendo literário e/ou cultural, por conseguinte autônomo no sentido de desvincular-se dos laços do partidarismo, poucos atravessaram as dez edições.

Tentando explicar essa relação cada vez mais presente da literatura com a imprensa, bem como entender o motivo que levou os literatos a aderirem às páginas periódicas, Sodré (1977: 334) nos indica que “Os homens de letras buscavam

---

<sup>3</sup> Ref. *A Época*, de Coelho Resende.

<sup>4</sup> “[...] a partir de 1840 a participação de letrados nas publicações é grande, chegando à expressiva cifra de quarenta a sessenta colaboradores por revista, como é o caso de *Guanabara* e, também, da *Nova Minerva*. Ao lado da crescente participação de letrados, é possível notar um acréscimo no tempo de duração dessas publicações, que outrora não ultrapassavam o sétimo número de publicação [...]” (grifos da autora).

encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível”; o atual momento desta pesquisa não pode afirmar se esta regra valia também para os literatos inscritos nos periódicos piauienses, todavia sabe-se que, a respeito da notoriedade não encontrada em livros (mesmo por conta da dificuldade de levá-los a lume) foi esse um dos principais motivos que permitiu, pelo menos nas páginas do *Almanaque da Parnaíba*, a publicação das produções de inúmeros escritores que em vida nunca lançaram livro, como Lívio Pacheco, trovador e sonetista dos mais atuantes nos jornais parnaibanos das primeiras décadas do século XX e colaborador do citado anuário<sup>5</sup>; além de Jesus Martins e Thomaz Catunda, poetas de métrica alexandrina.

A entrada de produções literárias no jornalismo permitiu também que o público leitor de jornais fosse ampliado, aumentando a vendagem dos exemplares. Uma via, portanto, de duas mãos, como anota Pena (2006: 6) em consonância ao pensamento de Sodré: “Para os escritores, também era um bom negócio. Não só porque recebiam em dia dos novos patrões, mas também pela visibilidade que ganhavam a partir da divulgação de suas histórias e de seus nomes”.

No Brasil a relação da imprensa com a literatura transformou, principalmente no século XX, o escritor em profissional, e incorporou facilmente duas linhas de ação: a primeira, relacionada à metalinguagem, ou seja, crítica; e a segunda, o texto literário em si, geralmente difundido em folhetim e, posteriormente, em colunas dedicadas às narrativas curtas, em especial o conto, gênero este explorado pela maior parte dos prosadores parnaibanos. Outra forma também muito difundida foi o poema, publicado nas suas mais diferentes formas, com destaque ao soneto.

Além de uma manifestação que fez parte da história intelectual da cidade, o jornalismo literário produzido é o próprio registro da “transformação expressiva e informacional” (idem: 14) não apenas de Parnaíba, como das cidades de seu entorno, bem como da capital, Teresina, que por muitas décadas do século XX manteve ligação intelectual com os escritores nortistas; isso, aliado a outros aspectos de ordem literária e associativa, ajuda a entender a participação de poetas e cronistas teresinenses à frente de alguns jornais e revistas parnaibanos, cujas participações transcendiam do trabalho literário à formatação de confrarias poéticas.

### 3 PERIÓDICOS LITERÁRIOS PARNAIBANOS NO SÉCULO XX: contribuições para a formação do cânone<sup>6</sup> parnaibano?

---

<sup>5</sup> Segundo a família do escritor, Lívio Pacheco, que se utilizava do pseudônimo Lily Pery, teria deixado um projeto de livro, que ficou inacabado, de título *Mané Burro*.

<sup>6</sup> A ideia de cânone literário usada neste artigo não observa o caráter de autoridade única e indiscutível discutida por Harold Bloom, mas o posicionamento de Wendell Harris a respeito da

A pergunta que nos impulsiona a compreender o viés de tempo analisado é: quais foram as condições que permitiram, ou pelo menos facilitaram, a formação de núcleos intelectuais em Parnaíba no primeiro quinquênio do século XX?

Ao que tudo indica, quando o século XX chegou para Parnaíba, o chamado 1º grande ciclo econômico da cidade, advindo da exploração do charque no período colonial, já se findava. Surgia o 2º grande ciclo, impulsionado pelo “ouro branco”, assim chamada a cera de carnaúba, com isso o litoral piauiense

havia se tornado o destino de vários jovens do Ceará e Maranhão, além de outros vindos do Pará, atraídos pelo desenvolvimento comercial [...] Muitos dos jovens migrantes eram poetas e assim formaram um grupo dileto de trovadores que tinham na Merceria Bembém, de Benedicto dos Santos Lima, editor do *Almanaque da Parnaíba*, um local onde se reuniam e debatiam os mais variados temas” (CIARLINI, 2012: 142, grifo do autor).

A análise dos “programas” de cada periódico consultado para este artigo demonstra claramente uma preocupação em difundir e consolidar a cultura literária, científica e artística na cidade. Um processo, não por acaso, desencadeado pelo fator econômico que fez convergir para Parnaíba, uma quantidade significativa de letrados que se revestiu do ideal de anotar e consolidar não apenas uma espécie de sistema literário como registrar a própria identidade cultural da região. Segue uma análise dos principais aspectos observados nos programas dos periódicos em questão.

### 3.1 Gleba: ruptura das trevas?

Passemos a analisar *Gleba*. Armando Madeira Basto, ao assinar o seu primeiro editorial, de 1933, carregado de evocações líricas das quais destaca a figura de Goethe, parecia ditar alguns dos principais objetivos dos demais periódicos no decorrer daqueles anos; anunciava, pois, o que seria, esse periódico, para a cidade: uma espécie de jato de *Luz* sobre possíveis trevas, claramente identificadas como a ausência de órgãos preocupados com as questões então fundamentais para o grupo: ciência, literatura e arte, “o maior patrimônio da humanidade”; o escritor assim alude:

[...] convictos da luta a sanar, salvo melhor juízo, a falta de que parece já resentir Parnaíba: a ausência de uma revista que escancare as suas páginas a todos aqueles que, por algum

---

existência de vários tipos de cânones, que auxiliam a “legitimação de certas teorias, além de ajudar a sistematização do papel histórico da literatura e do pluralismo a que as diversas tendências literárias apontam” (PÓVOAS, 2005: 53).

motivo exclusivo de desinteresse, se mantenham afastados das atividades intelectuais”<sup>7</sup> (BASTO, 1933: 1).

É precipitado antecipar a esta pesquisa se *Gleba* de fato conseguiu alcançar alguns dos seus anseios de promulgação, todavia, a sua curta existência<sup>8</sup> parece depor contra a vontade do grupo, então liderado pelos escritores Fonseca Mendes, Nascimento Araújo, Madeira Basto, L. Brandão Costa e Mário Carvalho.

Na seleta de escritores e poetas que *Gleba* reuniu a fim de tentar cumprir com a sua meta de “sanar” a ausência de produções voltadas para a atividade intelectual na cidade, encontram-se os nomes de Jonas da Silva<sup>9</sup>, Edison Cunha, Alarico da Cunha, Félix Ayres, R. Petit, Lima Rebelo, Alda Cunha, Berilo Neves, dentre outros<sup>10</sup>.

### 3.2 Harpa: um periódico liberal

Diferente dos demais “programas” dos periódicos examinados aqui, *Harpa*, fundado em 1936, parece demonstrar uma espécie de sistema literário senão consolidado, mais abrangente, pois que a incursão de participações femininas marca as suas páginas de tal maneira que o órgão chega a dedicar, além de outras colaborações femininas esparsas, uma coluna específica intitulada “Cartas de Mulher”, assinada por uma suposta escritora denominada Sônia a uma prima, de nome Ruth. Afora essa especificidade anônima, o período reproduz crônicas e poemas de nomes como Alice B. Vêras, Ivanisa, Alda Cunha e Angélica de Melo, as duas últimas também poetisas.

*Harpa* também define um público leitor constituído de mulheres, como quando dedica uma “página às nossas leitoras”, intitulado “Variedades”, onde se é discutido os mais variados temas de interesse do universo feminino da época; os títulos abordados parecem bem sugestivos: “Conservação de flores”, “Querem ser loiras?”, “Casamento”, “Opiniões femininas sobre quais sejam os melhores maridos” etc.

Nas margens do editorial de *Harpa* percebe-se que desde o primeiro número, “[...] que é dotar Parnaíba de uma revista moderna, que, lá fora, diga aos ausentes das nossas possibilidades literárias tão promissoras quão esquecidas” (1936: 1).

---

<sup>7</sup> Embora o conteúdo tenha sido preservado, o presente estudo, por facilitar a harmonia estilística, optou por atualizar a ortografia.

<sup>8</sup> Não existem registros de que a revista tenha ultrapassado a sua 9ª edição, é o que demonstra o acervo consultado na sede do Arquivo Público do Piauí, que dispõe dos números: 1, 2, 4, 5, 6, 7 e 9.

<sup>9</sup> “Um dos mestres brasileiros do soneto [...] ele figura no portentoso e indispensável Movimento Simbolista Brasileiro”, disse Assis Brasil no ensaio “Um trio de ouro simbolista”, publicado na Revista Brasileira, da Academia Brasileira de Letras (julho-agosto-setembro 2007, ano XIII, n.º 52). Jonas, que era parnaibano, fez nome nas letras do Amazonas, tendo sido fundador da Academia Amazonense de Letras.

<sup>10</sup> Optou-se aqui por destacar apenas os nomes de alguns mais conhecidos.

Importante ressaltar que provavelmente pela primeira vez surja, no periodismo da cidade, a expressão “literatura parnaibana”, configurando, com isso, uma preocupação singular na formatação de um pretense sistema literário, próprio dos intelectuais que residiam naquele mesmo espaço e época. Para isso o editorial demonstra a preocupação do grupo em manter a revista por um tempo duradouro, diferente dos demais órgãos anteriores que tiveram vida curta e que, por essa causa, provocaram no meio intelectual uma onda pessimista a respeito da vida e manutenção de periódicos em Parnaíba.

A proposta de *Harpa* é bem ousada, fala-se, inclusive, da elaboração de um “programa” sem exageros, “[não] queremos ir além das possibilidades locais” (idem), e uma das metas do grupo para o alcance desse objetivo é customizar o periódico a “uma feição moderna”, de modo que poderia ser “vendida ao alcance de todas as bolsas, afim [sic] de que seja intensa a sua circulação nesta cidade e fora daqui” (idem).

### 3.3 O Arauto: o mensageiro do povo?

Vejam os casos de *O Arauto*, fundado no ano de 1949, que na linha cronológica empregada de exame dos três periódicos selecionados neste estudo, é o último impresso do viés de tempo utilizado aqui, lançado, inclusive, posteriormente à revista *Cultura*. A sua escolha, no entanto, não leva em conta esse dado, mas o fato de ter sido ele o órgão divulgador da Associação Parnaibana de Letras. Apesar de transmitir a primeira impressão de ser um órgão especializado no campo literário, não pareceu ter sido esse o seu maior comprometimento.

Aparentemente o “programa” da revista não difere das duas anteriormente comentadas, com um detalhe apenas, no frontispício de todas as suas edições encontra-se na epígrafe uma espécie de lema, que bem poderia servir como bandeira do grupo liderado pelo então jovem João Paulo Veloso<sup>11</sup> e F. Assis Machado: “Cultivar a inteligência é caminhar para a imortalidade”.

Se nos “programas” anteriores é encontrada preocupação quanto a uma dada sistemática formatadora de um sistema intelectual, aqui é possível identificar um passo adiante, o enfrentamento de renovação, a fim, talvez, de cumprir mais uma etapa do processo, ou seja, a sua consolidação. É por esse motivo que várias de suas edições fala-se tanto em “revigoração”, “ideal novo” e, por último, “aproximações de entrada no mundo”.

---

<sup>11</sup> João Paulo dos Reis Velloso, parnaibano que, posteriormente, se tornaria, no campo político, Ministro do Planejamento por dez anos consecutivos, durante os governos de Emílio Garrastazu Médici e Ernesto Geisel (1969-1979); em seu estado, ocupa assento na Academia Piauiense de Letras.

O *Arauto*, apesar de em seu nascedouro agregar ideais de ordem literária, parecia mais preocupado com questões outras. A seção “Pórtico” da segunda edição, por exemplo, revisita alguns dos objetivos do grupo, quais sejam: “Estudar, debater os problemas nacionais”, aqui enfocados em algo bastante peculiar, o estudo da brasilidade; “ter na mente o nome, a imagem da Pátria”, assim grafada, com “P” maiúsculo, configurando, portanto, um espírito nacionalista. E segundo, na seleção de textos publicados na revista, esse espírito nacional se reveste no desvelar traços regionais, folclóricos, com a cara de Brasil.

#### 3.4 Cultura: disseminação de ideias

Por último, encontra-se a revista *Cultura*, principal órgão de divulgação da Associação Parnaibana de Expansão Cultural. Era dirigida por uma comissão de redação constituída pelos escritores Cândido Almeida Ataíde, Antônio Monteiro Sampaio e Moacir Rodrigues da Cunha.

Seu primeiro “programa” constrói a ideia de ineditismo no cenário, cujo órgão viria, pois, não para “sanar a ausência” (Cf. *Gleba*), mas “[...] atender aos imperativos da inteligência esclarecida” (In: *Cultura*, n.º 2: 5), ou seja, consolidar um sistema construído no decorrer de 16 anos, quando foi lançada a primeira edição de *Gleba*.

Sendo produto de uma sociedade autodenominada de “expansão cultural”, à revista foi encarregada a divulgação dos mais variados campos do intelecto, já denunciados em sua primeira apresentação: ciências, letras e artes, “expressões da dignidade espiritual do homem, nas diversas modalidades por que se comunica imortal aos seus semelhantes” (idem, *ibidem*). Mais adiante, fala-se ainda de sua possível contribuição para com os valores da pátria, transparecendo assim um espírito que parecia comum aos grupos parnaibanos da época, também visto no periódico anterior: o patriotismo e a imortalidade, esta interpretada a par das realizações intelectivas e suas consequentes capacidades de transmissão, no caso, por meio das letras.

Há da parte do “programa” da revista um interesse maior, um ideal que se encontra posterior tanto à formatação como à consolidação de um sistema, o de afirmação: “Suas páginas, mercê de Deus, hão de consignar o progresso da cultura parnaibana e dirão ao Brasil inteiro, que também aqui se pensa, se vive e se ama” (idem, *ibidem*).

Das quatro revistas analisadas, é a que parece agregar o maior número de intelectuais posteriormente notabilizados dentro e fora do estado, como Renato Castelo Branco, Oliveira Neto, Jesus Martins, Alarico da Cunha, Edison Cunha e Zito Baptista. Diferentemente dos impressos congêneres já abordados, estruturava-se com maior organização, dividindo em seções as suas “diversas modalidades” de estudo.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção desses periódicos na configuração de sistema literário paraibano nos leva a possíveis reflexões ainda não conclusivas acerca das intenções daqueles que faziam a imprensa literária no período mencionado. Primeiro: teriam os homens de letras a intenção de formar uma literatura genuinamente parnaibana, arraigada nos registros e na cultura local, daí a promoção de traços regionalistas? Segundo: buscavam os homens de letras, através da imprensa, o que se encontrava nos periódicos de grandes metrópoles?

Alguns traços discursivos levam a essas duas constatações prévias, como o registro em *Harpa* da venda “ao alcance de todas as bolsas”, que permite antever tanto a intenção de ampliar e intensificar o ideal de “luz” sobre o desinteresse dos parnaibanos às atividades intelectuais (cf. *Gleba*), bem como permitir a duração, e conseqüentemente o financiamento da atividade intelectual, por um tempo demasiado. O aprofundamento dessas questões poderia ser empreendido através de uma análise acerca da recepção destas ideias, bem como a maneira como elas, de alguma forma, encontraram ecos nas produções continuadas de outros periódicos, também carregados da mesma intenção agregadora e comercial.

#### REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Guardados da memória*. Revista Brasileira, Rio de Janeiro, 2009 (60): p. 304, jul.-set./2009.

APRESENTAÇÃO. *Cultura*, Parnaíba, 1949 (1): p. 05, 01/1949.

AYRES, Félix. *Antologia de sonetos piauienses*. Teresina: Companhia Editora do Piauí, 1972.

BASTO, Armando. *Mais luz*. *Gleba*, Parnaíba, 1933 (1): p. 01, 05/1933.

CAPA. *O arauto*, Parnaíba, 1949 (2): p. 01, 06/1949.

CAUSO, Roberto de Sousa. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CIARLINI, Daniel Castello Branco. *A face oculta da literatura piauiense*. Parnaíba: Sieart, 2012.

FILHO, Celso Pinheiro. *História da imprensa no Piauí*. 2. ed. Teresina: Editora Zodíaco, 1997.

LIMA, Lílian Martins de. Homens de letras e imprensa periódica no Rio de Janeiro (1836-1869). *Em tempos de histórias*, Brasília, n. 12, 2008.

NETO, Adrião. *Dicionário biográfico de escritores piauienses de todos os tempos*. 2. ed. Teresina: Halley, 1995.

NOSSA REVISTA. *Harpa*, Parnaíba, 1936 (1): p. 01, 05/1936.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. *Resultado de pesquisa registrada na Universidade Federal Fluminense*. Rio de Janeiro, 2006.

PÓRTICO. *O arauto*, Parnaíba, 1949 (2): p. 05, 06/1949.

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul século XIX*. 2005. Tese de doutorado – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.